

PRIMEIRO DE MAIO - Editorial

A história do Primeiro de Maio no Brasil é espelho fiel da evolução e do comportamento do nosso movimento operário. Trazido em fins do século passado, por imigrantes espanhóis e italianos, juntamente com a bandeira vermelha e a "Internacional", como expressão de luta do movimento operário mundial, o Dia Internacional do Trabalho tomou pé nas colônias estrangeiras de São Paulo e Santos, não demorando, porém, a se naturalizar e a ganhar as praças públicas. Tanto nessa primeira fase do movimento operário brasileiro, em que os sindicatos preencheram em parte o papel dos partidos políticos ainda inexistentes e que se desenrolou principalmente sob a ideologia do anarquismo, como na que se seguiu à fundação do Partido Comunista e estendeu-se aproximadamente até a Revolução de 1930, o Primeiro de Maio conservou seu caráter de manifestação de luta contra a sociedade exploradora.

O Estado Novo oficializou-a. Valendo-se de que a industrialização criara um proletariado jovem, que pouco sabia das tradições sindicais anteriormente existentes, Getúlio Vargas logrou retirar ao Dia do Trabalho seu cunho revolucionário. Por muito tempo, não se conheceram dele senão os desfiles oficiais, os jogos de futebol e os discursos paternalistas do Chefe da Nação. A prazo mais longo, todavia, isso não podia satisfazer o exército industrial recém-criado.

Em 1945 — quando desmoronou o Estado Novo — e nos anos subseqüentes, sobrevieram manifestações do Primeiro de Maio que surpreenderam os velhos revolucionários da primeira geração. Irrompia no cenário político uma massa operária combativa e radicalizada que, embora carente de experiência de luta, não hesitou em se lançar numa série de greves econômicas e políticas. Houve casos de consciência internacionalista realmente notáveis, como o dos doqueiros que, durante semanas, enfrentaram a ocupação militar dos portos por se recusarem a carregar navios de Franco.

Esse movimento prometededor foi, porém, golpeado por trás, antes de se haver consolidado. A esquerda oficial já, então, escolhera seus rumos: legalizada, pregou uma política de sacrifícios, de "apertar o cinto", de colaboração de classe com a "burguesia nacionalista". O sacrifício das aspirações das massas refletiu-se, inevitavelmente, nas comemorações do Primeiro de Maio, que declinaram de ano para ano, chegando a ser realizadas juntamente com organismos patronais.

Hoje, atingimos um ponto crítico. A política de colaboração de classe dá mostras evidentes de estar chegando a um beco sem saída. Simultaneamente, sob influência da Revolução Cubana e de sua própria experiência — sobretudo a que foi colhida a partir de agosto — o proletariado passa a procurar novos caminhos. A recusa das confederações sindicais em programar manifestações conjuntas com os patrões é significativa. O reformismo começa a tornar-se mais cauteloso.

Sinal dos tempos é também o fato de, pela primeira vez, o Dia Internacional do Trabalho ser, este ano, comemorado no campo. Na Paraíba, as Ligas Camponesas saíram às ruas juntando o nome de João Pedro Teixeira à galeria dos mártires de Chicago.

As posições objetivas do proletariado brasileiro são, atualmente, incomparavelmente mais fortes do que o eram no princípio do século, e vão sendo reforçadas, dia a dia, com o despertar do campo. O que impõe, agora, é devolver à classe operária, em nível mais alto, o espírito revolucionário que a animava na aurora do seu movimento.

É esta a premissa para um Primeiro de Maio da vitória.

Editorial do Jornal Política Operária, maio de 1962.